

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**Esquizofrenia e alterações do self: uma análise clínico-fenomenológica, a partir da psicoterapia**

Isabela Maia Feitosa
Maria Clara de Vasconcelos Romero
Camila Pereira de Souza
Lucas Guimarães Bloc

A esquizofrenia é um fenômeno complexo, marcado por sintomas como alucinações, delírios e desorganização do pensamento. Sua etiologia complexa passou por importantes mudanças ao longo da história, porém a hegemônica descrição sintomatológica, mostra-se insuficiente para compreender a totalidade da experiência da pessoa com esquizofrenia. Nesse contexto, a psicopatologia fenomenológica emerge como campo que valoriza a ambiguidade do sintoma, no qual sujeito e doença se constituem mutuamente, integrando-se ao mundo vivido do paciente. Compreender a esquizofrenia exige, portanto, o retorno às condições que tornam essa experiência possível enquanto fenômeno patológico. Entre tais condições, destacam-se as alterações na dinâmica do self, entendido como o senso de si em primeira pessoa, constituído na relação com o mundo e com os outros. Este trabalho tem como objetivo compreender a desordem do self na esquizofrenia, à luz da psicopatologia fenomenológica, por meio do estudo de um caso clínico único. Foram utilizados como instrumentos metodológicos a análise de conteúdo do prontuário, vinhetas clínicas e registros de sessões de psicoterapia elaborados pela segunda autora. Foi acompanhado em psicoterapia individual, por um ano e meio, na clínica-escola de uma Instituição de Ensino Superior (IES), o paciente Iago (nome fictício), jovem homem trans, negro, que apresenta crises psicóticas desde os 13 anos de idade. Iago se identifica com o diagnóstico de esquizofrenia, atribuindo um papel central na sua identidade. Seus delírios e alucinações lhe fazem companhia e conferem sentido ao mundo. O modo de ser esquizofrênico de Iago revela um senso desproporcional de self, que abrange desde a forma como se narra até experiências mais elementares de reconhecimento. Conta sua história de modo confuso e fragmentado, ecoando falas da mãe, que o descreve como agressivo e instável. Essa imagem é incorporada por Iago a tal ponto que ele teme a si mesmo e evita até mesmo tarefas simples, por medo de seus

próprios comportamentos. Essa compreensão se reflete também na relação terapêutica, na qual Iago exige da psicoterapeuta orientações objetivas, por acreditar que, em liberdade, agiria de forma inadequada ou agressiva. Contudo, a desordem do self em Iago se manifesta também em níveis mais profundos da experiência. O paciente não reconhece com clareza suas necessidades fisiológicas, como fome, saciedade, vontade de ir ao banheiro e a própria percepção de estar vivo. Paradoxalmente, ele também se percebe como núcleo central em seus delírios e alucinações, sentindo-se constantemente exposto e observado. Ao longo da psicoterapia, Iago aprendeu a descrever melhor suas experiências e, na relação terapêutica, desenvolveu um maior senso de individualidade, passando a considerar mais a própria percepção sobre si. Relata sentir-se mais humano, com isso, começou a questionar se é realmente alguém tão perigoso a ponto de precisar estar internado. Também passou a cogitar voltar a estudar e buscar uma graduação, esboçando projetos de futuro que antes não existiam. Conclui-se, que a coexistência entre uma vivência de esvaziamento e, ao mesmo tempo, de hipertrofia do self, expressa a complexidade da identidade na experiência esquizofrênica vivida por Iago. Evidencia-se, também, o impacto positivo da psicoterapia na experiência de self do paciente.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Self; Psicopatologia Fenomenológica; Estudo de Caso; Psicoterapia.